

VINCULAÇÃO AOS PAIS, DIVÓRCIO E CONFLITO INTER-PARENTAL EM ADOLESCENTES

Octávio Moura¹

Paula Mena Matos²

Resumo: Este estudo pretendeu identificar variações na qualidade da vinculação aos pais em função da estrutura familiar (famílias intactas e divorciadas) e do conflito interparental, tendo sido igualmente analisadas as diferenças de género do adolescente e das figuras parentais. Deste estudo fizeram parte 310 jovens dos 14 aos 18 anos de idade de ambos os géneros. Os questionários utilizados foram o *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001, versão revista) e o *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC; Grych, Seid & Fincham, 1992). Ambos os instrumentos revelaram ter qualidades psicométricas adequadas, testadas a partir de análises factoriais confirmatórias e da consistência interna. Os resultados apontam para o facto de a situação de divórcio afectar mais o relacionamento do jovem com a figura paterna, enquanto que o conflito interparental surge como a variável mais preditora da vinculação aos pais, afectando a qualidade do laço emocional relativamente a ambas as figuras parentais, independentemente da estrutura familiar.

Palavras-chave: vinculação, conflito interparental, divórcio parental, adolescência.

Parental attachment, divorce and interparental conflict in adolescents (Abstract): This study intends to identify variations in quality of adolescents' attachment to parents as a function of family structure (intact and divorced families) and interparental conflict. Furthermore, differences according to adolescent's and parent's gender were also analysed. The sample consists of 310 adolescents, 14 to 18 aged from both genders. Participants responded to the *Father/Mother Attachment Questionnaire* (Matos & Costa, 2001, revised version) and the *Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (Grych, Seid & Fincham, 1992). Both instruments present adequate psychometrics qualities, tested by confirmatory factor analyses and internal reliability. Results indicated that divorce affects more the quality of attachment to father, while interparental conflict is the variable that

¹ Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; email: octaviomoura@gmail.com.

² Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto; email: pmmatos@fpce.up.pt.

predicted more the quality of attachment to parents, affecting the quality of emotional bond to both parents independently of family structure.

Keywords: attachment, interparental conflict, divorce, adolescence.

A vinculação tem sido uma das áreas mais fascinantes e mais investigadas desde meados do século XX, período em que Bowlby (1969/91, 1973, 1980) formulou a teoria da vinculação, definindo-a como um laço afetivo que uma pessoa estabelece com outra e que perdura no tempo, sendo caracterizada pela tendência a procurar e a manter a proximidade física e emocional com a figura de vinculação, essencialmente perante situações *stressantes*. Para Ainsworth, a vinculação pode ser conceptualizada como um laço emocional experienciado com outrem, que é percebido como uma fonte de segurança e que providencia uma base segura a partir da qual o indivíduo explora o mundo (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978). Como vimos pela sua definição, Ainsworth incorporou na teoria da vinculação o conceito de “base segura” para se referir ao modo como a criança utiliza a figura de vinculação como uma base de segurança a partir da qual explora o meio circundante. Trata-se de um conceito-chave dentro da teoria da vinculação, pois põe em evidência a relação dinâmica entre o sistema de vinculação e o sistema de exploração.

Se inicialmente os teóricos da vinculação se centraram no laço emocional estabelecido entre a criança e as suas principais figuras de vinculação durante a infância, mais tarde, o interesse alargou-se para as fases desenvolvimentais subsequentes. A adolescência é um período pautado por uma multiplicidade de mudanças na vida dos indivíduos, representando um período de transição entre a vinculação da infância (estabelecida com as figuras parentais) e a vinculação adulta (estabelecida com figuras exteriores ao contexto familiar) (Ainsworth, 1989, 1991).

Nesta fase, a interação com outros significativos vai, então, permitir o alargamento das figuras de vinculação, sendo as funções vinculativas progressivamente transferidas das figuras parentais para o grupo de pares e/ou para o companheiro amoroso. Por um lado, os jovens continuam a procurar o apoio parental e desejam que o investimento e disponibilidade emocional dos pais se mantenha, por outro, procuram uma maior autonomia e independência relativamente à família (Matos & Costa, 1996; Soares & Campos, 1988; Weiss, 1982, 1991). Assim, a vinculação e a autonomia não constituem dois processos antagónicos, mas surgem como processos complementares e interdependentes, ou seja, não se trata da substituição dos pais por outras figuras, mas sim de uma “*progressiva transformação de*

uma relação complementar numa relação de reciprocidade” (Matos & Costa, 1996, p. 48). Esta reciprocidade é uma das características fundamentais das relações de vinculação na adolescência e na idade adulta, isto porque ambas as figuras envolvidas na relação passam a receber e a fornecer apoio e cuidados de/e ao outro, ou seja, estão vinculados ao outro e ao mesmo tempo funcionam como figuras de vinculação do companheiro (Ainsworth, 1989, 1991; Allen & Land, 1999; Berman, Marcus & Berman, 1994; Colin, 1996).

Acontecimentos de vida negativos (por exemplo, divórcio, conflito familiar e parental, perda de uma figura significativa, etc.) podem propiciar mudanças nos modelos internos dinâmicos que os sujeitos desenvolvem de si próprios e dos outros, a partir das suas experiências de interação com as principais figuras de vinculação e que tendem a moldar a construção de relações futuras. Assim, se por alguma circunstância uma figura vinculativa responsiva e confiável se torna posteriormente pouco sensível e ausente, a confiança da criança nessa figura pode ser abalada, levando-a a reconstruir os seus modelos internos de si e do outro (Bowlby, 1973, 1980; Bretherton, 1985; Bretherton & Munholland, 1999; Main, Kaplan & Cassidy, 1985). Deste modo, como o divórcio e/ou o conflito interparental são acontecimentos de vida potencialmente negativos, poderão levar a alterações nas relações de vinculação que os filhos estabelecem com cada uma das suas figuras parentais.

Debruçando-nos agora mais especificamente sobre o sistema familiar, este está sujeito a mudanças permanentes, mais ou menos acentuadas e geradoras de *stress*. Estes momentos de mudança correspondem às chamadas *crises*, as quais podem levar, por um lado, à evolução e continuidade do sistema familiar, ou, por outro, à sua disfuncionalidade e conflituosidade. Nesta última situação, e caso o sistema familiar não tenha a capacidade para se reorganizar, poderá conduzir à ruptura do subsistema conjugal, levando, por conseguinte, a alterações em todos os outros subsistemas familiares (Relvas, 1996). Assim, o divórcio parental não pode ser encarado como um acontecimento ou episódio único, limitado a um determinado período temporal, mas antes como uma sequência de acontecimentos e experiências que levam a transições em todo o sistema familiar. Este é um processo que se inicia, muitas das vezes, antes de se abordar a separação em si, e se prolonga para além do divórcio legal (Buchanan & Heiges, 2001; Costa, 1994). A separação da díade parental vai produzir invariavelmente um conjunto de mudanças nas experiências de vida diárias, no funcionamento familiar e nos relacionamentos interpessoais entre os membros da família.

Os diversos estudos que se debruçaram sobre o impacto do divórcio no bem-estar psicológico dos filhos, a curto, médio e longo prazo, descrevem-no, na generalidade, como desencadeando nas crianças e jovens um conjunto

de problemáticas do foro comportamental (agressividade, desobediência, dificuldades de autocontrolo, etc.) e emocional (depressão, ansiedade, baixa auto-estima e autoconceito, etc.), relacionamentos mais disfuncionais com os pais, problemas de interacção social, menor realização e sucesso académico, entre outros (Amato, 2000, 2001; Amato & Keith, 1991; Emery, 1982, 1988; Hetherington, Cox & Cox, 1982; Hetherington & Kelly, 2002). Este impacto parece ser mais intenso durante os dois primeiros anos após a separação parental e tende a diminuir ao longo do tempo (Amato, 2000; Clarke-Stewart, Vandell, McCartney, Owen & Booth, 2000; Hetherington & Kelly, 2002; Hetherington *et al.*, 1982). Muito recentemente, porém, um estudo longitudinal estudou o impacto do divórcio e de outras problemáticas familiares em três gerações, ao longo de 20 anos, tendo os resultados apontado para o facto de o divórcio ocorrido na geração dos avós ter produzido um impacto nas gerações subsequentes, inclusive em sujeitos que ainda não tinham nascido na altura do divórcio desta geração. Os netos de avós que se divorciaram apresentavam mais dificuldades de relacionamento com ambas as figuras parentais, sendo que esta associação aparece mediada pelos problemas conjugais entre os pais (Amato & Cheadle, 2005).

A qualidade do relacionamento entre a criança e o pai que não detém a custódia (na grande maioria dos casos, a figura paterna) tem tendência a piorar, uma vez que o envolvimento e o contacto desse pai com os seus filhos tende a ser cada vez mais reduzido, condição que se acentua à medida que o tempo vai passando e os filhos vão crescendo (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Hetherington & Kelly, 2002; Narciso, no prelo). Por seu lado, o relacionamento com o pai que detém a custódia (normalmente, a mãe) não parece ser muito afectado com o processo de divórcio (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Dunlop, Burns & Birmingham, 2001), muito embora alguns estudos tenham também observado uma diminuição qualitativa dessa mesma relação, sendo visíveis alguns sinais de tensão (Hetherington *et al.*, 1982; Woodward, Fergusson & Belsky, 2000).

As crianças mais novas (com idades até aos 6 anos) parecem ter uma menor capacidade de adaptação ao divórcio parental, pelo facto de revelarem alguma imaturidade no seu desenvolvimento cognitivo, o que não lhes permite compreender completamente a situação (Emery, 1988), por se encontrarem ainda muito dependentes dos pais e por não terem uma rede social de apoio que possa funcionar como um sistema de suporte e de satisfação pessoal alternativo ao dos pais (Allison & Furstenberg, 1989; Buchanan, 2000; Hetherington & Kelly, 2002; Zill, Morrison & Coiro, 1993). No caso dos adolescentes, o seu nível de desenvolvimento cognitivo permite-lhes compreender de uma forma mais realista o complexo conjunto de factores envolvidos no divórcio dos pais e encontram mais facilmente no grupo de pares um sistema de suporte alternativo ao das figuras parentais. No entanto, os jovens encontram-se igualmente bastante sensíveis ao processo de divórcio, porque já possuem relações bastante sólidas e consisten-

tes com os pais, encontram-se num período desenvolvimental pautado por grandes transformações e podem sentir-se mais pressionados a envolver-se no conflito dos pais (Chase-Lansdale, Cherlin & Kiernan, 1995).

Vários autores têm também referido que muita desta sintomatologia manifestada pelas crianças e adolescentes provenientes de famílias divorciadas não tem uma relação directa com a situação de divórcio por si só, mas está relacionada com outros factores que se encontram associados ao processo de divórcio, como sejam o conflito parental, a alteração na dinâmica relacional com os pais, a diminuição da frequência do contacto com um dos pais, a alteração das práticas parentais, mudanças nas condições económicas da família, mudanças nos hábitos e rotinas diárias, etc. (Buchanan & Heiges, 2001; Cummings & Davies, 1994, 2002; Emery, 1982, 1988; Woodward *et al.*, 2000).

O conflito interparental frequente e intenso tem sido mais recentemente identificado como uma dimensão-chave do sistema familiar, que se encontra associado a uma grande variabilidade de problemas nas crianças e adolescentes, prejudicando o seu funcionamento psicológico e o relacionamento com as figuras parentais, independentemente da estrutura familiar em que estão inseridos (Amato & Keith, 1991; Buchanan & Heiges, 2001; Cummings & Davies, 1994, 2002; Emery, 1982, 1988; Forehand, Neighbors, Devile & Armistead, 1994; Grych, Raynor & Fosco, 2004; Schick, 2002; Woodward *et al.*, 2000; Zill *et al.*, 1993). De um modo geral, o conflito interparental poderá estar associado a problemáticas comportamentais, emocionais, académicas, sociais, do funcionamento familiar (práticas parentais e relacionamento entre irmãos), uma baixa auto-estima e autoconceito, percepções negativas quanto às relações românticas e ao casamento, entre outros (Cummings & Davies, 2002; Emery, 1982, 1988).

O impacto do conflito interparental nas crianças depende, porém, da forma como o conflito é expresso e de como a criança interpreta o seu significado e as suas implicações no seu bem-estar (Grych & Fincham, 1990). Estudos mais recentes apontam a percepção de ameaça e a percepção de culpa que a criança desenvolve a partir do conflito entre os pais como mediadores da associação entre o conflito interparental e o ajustamento psicossocial nas crianças e adolescentes (Grych, Fincham, Jouriles & McDonald, 2000; Grych, Harold & Miles, 2003; McDonald & Grych, 2006). Assim, a experiência de uma grande ameaça e medo aquando do conflito entre os pais pode aumentar o risco do aparecimento de sintomas de ansiedade, de depressão, de tristeza e de outras problemáticas internalizadas nas crianças (Dadds, Atkinson, Turner, Blums & Lendich, 1999; Grych & Cardoza-Fernandes, 2001; Grych *et al.*, 2000; Grych *et al.*, 2003; Kerig, 1998; McDonald & Grych, 2006). Por outro lado, a autoculpabilização da criança sobre a existência de conflito entre os pais pode potenciar o desenvolvimento de problemáticas externalizadas (agressividade e comporta-

mento anti-social) (Grych *et al.*, 2003) e de problemáticas internalizadas (tristeza, culpa e vergonha) (Dadds *et al.*, 1999; Grych *et al.*, 2000; Grych *et al.*, 2003; Kerig, 1998; McDonald & Grych, 2006).

O conflito interparental pode igualmente afectar negativamente as relações de vinculação estabelecidas entre os filhos e os pais, pois aumenta o número de interacções negativas ocorridas entre eles e diminui drasticamente o envolvimento e a disponibilidade emocional das figuras parentais para com as suas crianças. Assim, os sujeitos que experienciaram situações frequentes de conflito entre os pais tendem a desenvolver padrões de vinculação inseguros, enquanto que os sujeitos com vinculação segura têm preferencialmente pais com uma maior sensibilidade, responsividade e mais disponíveis para ajudar a criança a regular as suas próprias emoções (Cummings & Davies, 1994; Owen & Cox, 1997).

Os efeitos negativos de uma situação de divórcio parental parecem manifestar-se por um período limitado de tempo, enquanto que as consequências resultantes de uma situação de conflito parental parecem ter um efeito bem mais duradouro. Por sua vez, o conflito parental recente parece ser melhor indicador do actual funcionamento psicológico dos adolescentes do que o conflito parental mais remoto (Cummings & Davies, 1994; Emery, 1982; Forehand *et al.*, 1994). O conflito parental torna-se particularmente prejudicial para a criança e adolescente quando envolve violência física, aumentando enormemente a probabilidade de estes virem a apresentar comportamentos disruptivos sérios e graves problemas do foro emocional (Cummings & Davies, 1994).

Obviamente que, perante ambientes familiares pautados por conflitos parentais extremos, a separação dos pais poderá conduzir a um melhor ajustamento psicológico dos filhos, já que limita o contacto entre a díade parental e diminui substancialmente o conflito e o atrito conjugal, tornando toda a dinâmica familiar mais equilibrada e funcional. Esta ideia de que, perante conflitos interparentais muito elevados, a separação dos pais poderá ser benéfica para as crianças e jovens tem sido avançada por uma diversidade de autores (Amato, 1986, 2001; Buchanan & Waizenhofer, 2001; Clarke-Stewart *et al.*, 2000; Emery, 1982, 1988; Hetherington, 1981; Narciso, no prelo).

1. Objectivos e hipóteses

O principal objectivo deste estudo é analisar as associações entre a qualidade da vinculação dos jovens a cada uma das figuras parentais, o género, o divórcio e o conflito interparental. Em particular, procura-se analisar as diferenças na vinculação em função da estrutura familiar (famílias intactas e divorciadas) e do género, bem como comparar as associações entre as percepções dos jovens relativamente ao conflito interparental e a

qualidade do actual relacionamento com os pais em adolescentes de famílias intactas e divorciadas.

Assim, e de acordo com a literatura, espera-se encontrar diferenças de género do adolescente na qualidade de vinculação a ambos os pais e na percepção de conflito interparental (Davies & Lindsay, 2001; Henry & Holmes, 1998; Kenny & Donaldson, 1991; Kerig, 1998; Matos, Barbosa, Almeida & Costa, 1999; Paterson, Pryor & Field, 1995). É igualmente esperado que os adolescentes de famílias divorciadas apresentem valores inferiores nas dimensões de vinculação à figura paterna, mas não à materna (Dunlop *et al.*, 2001; Henry & Holmes, 1998; Paterson *et al.*, 1995), para além de poderem evidenciar percepções de conflito interparental mais elevado comparativamente com os adolescentes provenientes de famílias intactas (Bickham & Fiese, 1997; Cummings & Davies, 1994; Hanson, 1999; Kline, Wood & Moore, 2003). Por fim, espera-se encontrar associações entre a percepção de conflito interparental e a qualidade da vinculação aos pais, independentemente da estrutura familiar (Henry & Holmes, 1998; Richardson & McCabe, 2001).

2. Metodologia

2.1. Participantes

Deste estudo fizeram parte 310 jovens, com idades compreendidas entre os 14 e os 18 anos de idade ($M = 15,70$ anos e $DP = 1,13$ anos), sendo 54,8% ($n = 170$) do sexo feminino e 45,2% ($n = 140$) do sexo masculino. A frequência escolar dos sujeitos situa-se entre o 9.º e o 12.º anos de escolaridade ($M = 10,30$, $DP = 1,03$). A escolaridade dos pais é relativamente baixa, em que perto de metade possui como qualificação académica apenas o 4.º ano de escolaridade.

Quanto à situação familiar (ver Quadro 1), verifica-se que 84,8% ($n = 263$) dos jovens residem em famílias intactas e os restantes 15,2% ($n = 47$) são provenientes de famílias divorciadas. Destes últimos, constata-se que na sua quase totalidade os jovens ficaram aos cuidados da figura materna (93,7%) e na grande maioria dos casos (80,9%) ficaram a viver sempre com esta figura desde a separação dos pais. A separação parental ocorreu em média há 6,81 anos ($DP = 4,35$), tendo os jovens nessa altura uma idade média de 8,74 anos ($DP = 4,34$). No que respeita à frequência de contacto com o pai não residente, observa-se que em 23,4% dos casos os jovens vêm esse pai mais do que uma vez por semana, uma vez por semana em 29,8%, uma vez por mês em 6,4%, raramente em 27,7% e os restantes 12,8% dos adolescentes nunca mais contactaram com esse pai desde a separação parental.

Quadro 1: Caracterização da amostra dos adolescentes filhos de pais separados

N.º Sujeitos = 310
Situação Familiar

Famílias intactas	263 (84,8%)										
Pais separados ou divorciados	47 (15,2%)										
Figura parental com quem ficou a viver	<table> <tbody> <tr> <td>Pai</td> <td>2 (4,2%)</td> </tr> <tr> <td>Mãe</td> <td>44 (93,7%)</td> </tr> <tr> <td>Guarda-conjunta</td> <td>1 (2,1%)</td> </tr> </tbody> </table>	Pai	2 (4,2%)	Mãe	44 (93,7%)	Guarda-conjunta	1 (2,1%)				
Pai	2 (4,2%)										
Mãe	44 (93,7%)										
Guarda-conjunta	1 (2,1%)										
Qual a figura parental que saiu de casa	<table> <tbody> <tr> <td>Pai</td> <td>38 (80,9%)</td> </tr> <tr> <td>Mãe</td> <td>9 (19,1%)</td> </tr> </tbody> </table>	Pai	38 (80,9%)	Mãe	9 (19,1%)						
Pai	38 (80,9%)										
Mãe	9 (19,1%)										
Ficou sempre a viver com o mesmo pai	<table> <tbody> <tr> <td>Sim</td> <td>38 (80,9%)</td> </tr> <tr> <td>Não</td> <td>7 (14,9%)</td> </tr> <tr> <td>Outra situação</td> <td>2 (4,2%)</td> </tr> </tbody> </table>	Sim	38 (80,9%)	Não	7 (14,9%)	Outra situação	2 (4,2%)				
Sim	38 (80,9%)										
Não	7 (14,9%)										
Outra situação	2 (4,2%)										
Há quanto tempo os pais já não vivem juntos	<table> <tbody> <tr> <td>M = 6,81 anos</td> <td rowspan="3"> <table> <tbody> <tr> <td>1 a 5 anos = 22 (46,8%)</td> </tr> <tr> <td>6 a 10 anos = 14 (29,8%)</td> </tr> <tr> <td>11 a 15 anos = 11 (23,4%)</td> </tr> </tbody> </table> </td> </tr> <tr> <td>D.P. = 4,35 anos</td> </tr> </tbody> </table>	M = 6,81 anos	<table> <tbody> <tr> <td>1 a 5 anos = 22 (46,8%)</td> </tr> <tr> <td>6 a 10 anos = 14 (29,8%)</td> </tr> <tr> <td>11 a 15 anos = 11 (23,4%)</td> </tr> </tbody> </table>	1 a 5 anos = 22 (46,8%)	6 a 10 anos = 14 (29,8%)	11 a 15 anos = 11 (23,4%)	D.P. = 4,35 anos				
M = 6,81 anos	<table> <tbody> <tr> <td>1 a 5 anos = 22 (46,8%)</td> </tr> <tr> <td>6 a 10 anos = 14 (29,8%)</td> </tr> <tr> <td>11 a 15 anos = 11 (23,4%)</td> </tr> </tbody> </table>	1 a 5 anos = 22 (46,8%)		6 a 10 anos = 14 (29,8%)	11 a 15 anos = 11 (23,4%)						
1 a 5 anos = 22 (46,8%)											
6 a 10 anos = 14 (29,8%)											
11 a 15 anos = 11 (23,4%)											
D.P. = 4,35 anos											
Idade do adolescente na altura da separação parental	<table> <tbody> <tr> <td>M = 8.74</td> <td rowspan="3"> <table> <tbody> <tr> <td>1 aos 6 anos = 15 (31,9%)</td> </tr> <tr> <td>7 aos 12 anos = 20 (42,6%)</td> </tr> <tr> <td>13 aos 18 anos = 12 (25,5%)</td> </tr> </tbody> </table> </td> </tr> <tr> <td>D.P. = 4.34</td> </tr> </tbody> </table>	M = 8.74	<table> <tbody> <tr> <td>1 aos 6 anos = 15 (31,9%)</td> </tr> <tr> <td>7 aos 12 anos = 20 (42,6%)</td> </tr> <tr> <td>13 aos 18 anos = 12 (25,5%)</td> </tr> </tbody> </table>	1 aos 6 anos = 15 (31,9%)	7 aos 12 anos = 20 (42,6%)	13 aos 18 anos = 12 (25,5%)	D.P. = 4.34				
M = 8.74	<table> <tbody> <tr> <td>1 aos 6 anos = 15 (31,9%)</td> </tr> <tr> <td>7 aos 12 anos = 20 (42,6%)</td> </tr> <tr> <td>13 aos 18 anos = 12 (25,5%)</td> </tr> </tbody> </table>	1 aos 6 anos = 15 (31,9%)		7 aos 12 anos = 20 (42,6%)	13 aos 18 anos = 12 (25,5%)						
1 aos 6 anos = 15 (31,9%)											
7 aos 12 anos = 20 (42,6%)											
13 aos 18 anos = 12 (25,5%)											
D.P. = 4.34											
Frequência do contacto com o pai que não vive em casa	<table> <tbody> <tr> <td>Nunca</td> <td>6 (12,8%)</td> </tr> <tr> <td>Raramente</td> <td>13 (27,7%)</td> </tr> <tr> <td>Uma vez por mês</td> <td>3 (6,4%)</td> </tr> <tr> <td>Uma vez por semana</td> <td>14 (29,8%)</td> </tr> <tr> <td>Mais do que uma vez por semana</td> <td>11 (23,4%)</td> </tr> </tbody> </table>	Nunca	6 (12,8%)	Raramente	13 (27,7%)	Uma vez por mês	3 (6,4%)	Uma vez por semana	14 (29,8%)	Mais do que uma vez por semana	11 (23,4%)
Nunca	6 (12,8%)										
Raramente	13 (27,7%)										
Uma vez por mês	3 (6,4%)										
Uma vez por semana	14 (29,8%)										
Mais do que uma vez por semana	11 (23,4%)										

Relativamente a estas variáveis sociodemográficas verificou-se, através de uma análise comparativa entre o grupo de adolescentes de famílias intactas e o grupo de adolescentes de famílias divorciadas, que estes apenas diferem na escolaridade do adolescente [$\chi^2(3) = 14,208, p < 0,05$], na escolaridade do pai [$\chi^2(4) = 11,540, p < 0,05$] e da mãe [$\chi^2(4) = 11,389, p < 0,05$]. Os jovens de famílias divorciadas apresentam uma menor escolaridade comparativamente com os de famílias intactas, enquanto que as suas figuras parentais apresentam um maior nível de qualificação académica.

2.2. Instrumentos

Para além de um questionário sociodemográfico que teve por objectivo aceder a um conjunto de dados de natureza pessoal e familiar, os jovens preencheram igualmente um questionário de vinculação aos pais e um questionário de conflito interparental.

2.2.1. Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM)

O *Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe* (QVPM; Matos & Costa, 2001, versão revista) é um instrumento de auto-relato que se destina a avaliar as representações de vinculação que os adolescentes e jovens adultos têm relativamente a cada uma das suas figuras parentais (pai e mãe são avaliados separadamente). O QVPM é composto por 30 itens que se organizam em torno de uma estrutura de 3 factores (cada um dos factores é composto por 10 itens) – *Inibição da Exploração e Individualidade (IEI)*, *Qualidade do Laço Emocional (QLE)* e *Ansiedade de Separação e Dependência (ASD)*. O factor *Inibição da Exploração e Individualidade* pretende avaliar a percepção de restrições à expressão da individualidade própria. O factor *Qualidade do Laço Emocional* pretende avaliar a importância da figura parental enquanto figura de vinculação, percebida como fundamental e única no desenvolvimento do sujeito, a quem este recorrerá em situações de dificuldade e com quem projecta uma relação duradoura. O factor *Ansiedade de Separação e Dependência* aponta para uma experiência de ansiedade e de medo da separação da figura de vinculação, reveladora de uma relação de dependência.

As qualidades psicométricas deste instrumento têm sido testadas com diversas amostras independentes, tendo evidenciado indicadores de validade e fiabilidade adequados (Matos & Costa, 2004). Por forma a avaliar em que medida os nossos dados se ajustam ao modelo do instrumento teoricamente esperado, procedeu-se a uma análise factorial confirmatória, utilizando para o efeito o programa AMOS 5.0. Assim, os principais índices de ajustamento indicam que o QVPM, versão pai, apresenta um ajustamento adequado

(RMR = 0,049; GFI = 0,959; AGFI = 0,919; CFI = 0,978; RMSEA = 0,072; $\chi^2/df = 2,59$)³. Na versão mãe os principais índices de ajustamento são bastante semelhantes aos da versão pai (RMR = 0,052; GFI = 0,950; AGFI = 1,907; CFI = 0,954; RMSEA = 0,085; $\chi^2/df = 3,18$). Ao nível da consistência interna, as três escalas apresentam valores de *alpha de Cronbach* bastante aceitáveis. Na versão pai a escala IEI tem um $\alpha = 0,79$, a QLE um $\alpha = 0,94$ e a ASD um $\alpha = 0,86$. Relativamente à versão mãe, a escala IEI revela um $\alpha = 0,80$, a QLE um $\alpha = 0,87$ e a ASD um $\alpha = 0,82$.

2.2.2. The Children's Perception of Interparental Conflict Scale (CPIC)

O *The Children's Perception of Interparental Conflict Scale* (CPIC; Grych, Seid & Fincham, 1992) é um questionário de auto-relato que pretende avaliar a percepção que as crianças e os jovens têm relativamente ao conflito entre as figuras parentais. O CPIC foi composto inicialmente por 49 itens organizados em 9 escalas: Frequência, Intensidade, Resolução, Conteúdo, Percepção de Ameaça, Eficácia, Culpa, Triangulação e Estabilidade. Após análises factoriais exploratória e confirmatória e ainda da consistência interna, Grych e a sua equipa optaram por reorganizar estas 9 escalas em 3 grandes dimensões: *Propriedades do Conflito* (composta pelas escalas Frequência, Intensidade e Resolução), *Culpa* (composta pelas escalas Conteúdo e Culpa) e *Ameaça* (composta pelas escalas Percepção de Ameaça e Eficácia). Nesta reorganização em três dimensões, foram eliminadas as escalas Estabilidade e Triangulação, uma vez que os seus itens não saturavam de forma consistente num dos 3 factores teoricamente concebidos.

Neste estudo utilizamos esta reorganização das 7 escalas em 3 dimensões proposta pelos autores. Assim, a dimensão *Propriedades do Conflito* pretende avaliar a percepção dos jovens relativamente a uma forma destrutiva de conflito entre as figuras parentais. A dimensão *Ameaça* pretende avaliar a percepção de ameaça e de medo desencadeado pelo conflito, associado a um sentimento de incompetência pessoal para lidar com esse mesmo conflito. A dimensão *Culpa* procura avaliar a percepção dos sujeitos em se autculpabilizarem pelo conflito dos pais.

Mais uma vez, a análise dos principais índices de ajustamento obtidos através de uma análise factorial confirmatória sugere que os dados da nossa amostra se ajustam ao modelo teórico proposto pelos autores (RMR = 0,037;

³ Hu e Bentler (1999) recomendam valores de CFI $\geq 0,950$ e de RMSEA $< 0,060$ para um ajustamento adequado do modelo, enquanto que Jöreskog e Sörbom (1989) recomendam valores de GFI $\geq 0,900$ e de AGFI $\geq 0,900$. O ratio entre o qui-quadrado e os graus de liberdade (χ^2/df) é também um procedimento bastante útil, quanto mais este *ratio* se aproxima do valor zero melhor será o ajustamento do modelo (Hoelter, 1983).

GFI = 0,964; AGFI = 0,909; CFI = 0,965 e RMSEA = 0,095; $\chi^2/df = 3.74$). Relativamente à consistência interna a dimensão *Propriedades do Conflito* apresenta um $\alpha = 0,92$, a dimensão *Ameaça* um $\alpha = 0,78$, enquanto que a dimensão *Culpa* revela um $\alpha = 0,79$.

2.3. Procedimentos

Os participantes deste estudo foram recrutados em duas escolas secundárias com terceiro ciclo da Área Metropolitana do Porto, tendo as sessões de preenchimento dos diversos questionários decorrido no contexto das turmas em sala de aula, após prévia autorização do conselho executivo das respectivas escolas. Em todas estas administrações, os alunos receberam um conjunto de instruções *standard* onde eram explicados, de uma forma sucinta, os objectivos gerais do estudo, sendo assegurada a total confidencialidade e anonimato das suas respostas, para além de ser enfatizado o carácter voluntário da sua colaboração e participação.

Note-se que, relativamente ao questionário QVPM, foi pedido aos jovens que se reportassem ao momento actual das suas relações com ambos os pais, enquanto que, no questionário CPIC, foi solicitado aos jovens de famílias intactas que se reportassem ao momento actual e aos jovens de famílias divorciadas que se reportassem ao período anterior à separação dos pais. Bickham e Fiese (1997) propõem esta mesma metodologia para aceder à percepção do conflito interparental em jovens provenientes de famílias intactas e divorciadas, muito embora esta possa levantar alguns problemas ao nível da comparação dos resultados nestas duas amostras, pelo facto de se reportarem a períodos temporais distintos (Kline *et al.*, 2003).

3. Resultados

3.1. Análises Correlacionais

Para as análises correlacionais das dimensões em estudo, recorreu-se ao Coeficiente de Correlação de *Pearson*. Da análise do Quadro 2, verifica-se que as *Propriedades do Conflito Interparental* se encontram significativamente correlacionadas no sentido negativo com a *Qualidade do Laço Emocional* a ambas as figuras parentais, estando igualmente correlacionadas positivamente com a *Inibição da Exploração e Individualidade* e negativamente com a *Ansiedade de Separação e Dependência*, de um modo mais ténue, neste último caso, somente com a figura paterna.

No caso da dimensão *Ameaça*, as correlações com as duas versões do QVPM são caracterizadas por baixas ou não significativas. Por seu lado, a dimensão *Culpa* apresenta correlações positivas moderadas com a *Inibição*

da Exploração e Individualidade, correlações baixas negativas com a *Qualidade do Laço Emocional* e correlações não significativas com a *Ansiedade de Separação e Dependência*, em todos estes casos, quer na versão pai quer na versão mãe.

Quadro 2: Correlações de *Pearson* entre os factores do QVPM e do CPIC

	QVPM					
	PAI			MÃE		
	IEI	QLE	ASD	IEI	QLE	ASD
CPIC						
<i>PRO-CONF</i>	0,286**	- 0,567**	- 0,372**	0,287**	- 0,367**	- 0,085
<i>AMEAÇA</i>	0,298**	- 0,223**	- 0,059	0,274**	- 0,095	0,113*
<i>CULPA</i>	0,362**	- 0,158**	0,004	0,361**	- 0,184**	0,061

Nota: * - $p < 0,05$; ** - $p < 0,01$. QVPM = Inibição da Exploração e Individualidade (IEI), Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação e Dependência (ASD). CPIC = Propriedades do Conflito (PRO-CONF).

3.2. Análises Diferenciais em Função do Género, da Idade e da Estrutura Familiar

Foi possível observar, a partir de análises de variância multivariada (Manova; traço de *Pillai's*), um efeito da variável género sobre a vinculação ao pai [$F(3, 305) = 8,406, p < 0,001$] e à mãe [$F(3, 306) = 8,853, p < 0,001$], sendo significativa apenas na dimensão *Ansiedade de Separação e Dependência* na versão pai [$F(1, 309) = 6,445, p < 0,05$] e na versão mãe [$F(1, 310) = 19,131, p < 0,001$]. Assim, as raparigas revelam valores mais elevados de *Ansiedade de Separação e Dependência* face ao pai e à mãe, comparativamente com os rapazes (ver Quadro 3).

Foi igualmente observado um efeito da variável género nas dimensões do conflito interparental [$F(3, 302) = 7,297, p < 0,001$], sendo esse efeito significativo para a dimensão *Propriedades do Conflito* [$F(1, 306) = 11,330, p < 0,001$] e dimensão *Ameaça* [$F(1, 306) = 19,409, p < 0,001$]. Assim, e em comparação com os rapazes, as raparigas apresentam uma percepção de conflito mais elevado entre a díade parental e valores superiores de percepção de ameaça (ver Quadro 4).

Quadro 3: Médias e desvios-padrão para as dimensões do QVPM em função do gênero

	<i>M</i>	<i>D.P.</i>	<i>p</i>
PAI	IEI		ns
	<i>Rapazes</i>	3,05	0,84
	<i>Raparigas</i>	3,00	0,93
	QLE		ns
	<i>Rapazes</i>	4,97	0,95
	<i>Raparigas</i>	4,88	1,05
	ASD		< 0,05
	<i>Rapazes</i>	3,68	0,99
	<i>Raparigas</i>	3,97	0,97
MÃE	IEI		ns
	<i>Rapazes</i>	3,24	0,83
	<i>Raparigas</i>	3,12	0,95
	QLE		ns
	<i>Rapazes</i>	5,21	0,64
	<i>Raparigas</i>	5,29	0,62
	ASD		< 0,001
	<i>Rapazes</i>	3,88	0,95
	<i>Raparigas</i>	4,31	0,75

Nota: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI), Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação e Dependência (ASD), Não Significativo (ns).

Quadro 4: Médias e desvio-padrão para as dimensões do CPIC em função do gênero

	<i>M</i>	<i>D.P.</i>	<i>p</i>
PROP-CONF			< 0,001
<i>Rapazes</i>	2,56	0,74	
<i>Raparigas</i>	2,90	0,98	
AMEAÇA			< 0,001
<i>Rapazes</i>	3,01	0,74	
<i>Raparigas</i>	3,42	0,85	
CULPA			ns
<i>Rapazes</i>	2,36	0,72	
<i>Raparigas</i>	2,40	0,83	

Nota: Propriedades do Conflito (PRO-CONF), Não Significativo (ns).

Relativamente à variável idade, não foram encontrados efeitos significativos na vinculação ao pai [$F(9, 915) = 0,544, p = 0,843$], na vinculação à mãe [$F(9, 918) = 1,013, p = 0,427$] e no conflito interparental [$F(9, 906) = 0,814, p = 0,604$].

Os resultados da análise de variância multivariada em função da estrutura familiar para as dimensões do QVPM revelaram um efeito relativamente à vinculação paterna [$F(3, 305) = 17,698, p < 0,001$], mas não em relação à figura materna [$F(3, 306) = 1,492, p = 0,217$]. Assim, os adolescentes de famílias intactas têm valores mais elevados na *Qualidade do Laço Emocional* [$F(1, 309) = 48,071, p < 0,001$] e na *Ansiedade de Separação e Dependência* face ao pai [$F(1, 309) = 27,057, p < 0,001$], comparativamente com os adolescentes de famílias divorciadas (ver Quadro 5).

Em todas as análises relativas à estrutura familiar (famílias intactas e divorciadas), controlou-se através da covariância (Mancova) as variáveis escolaridade do jovem e escolaridade do pai e da mãe, uma vez que foram observadas diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes de famílias intactas e divorciadas, tal como foi possível observar aquando da caracterização dos participantes deste estudo.

Quadro 5: Médias e desvio-padrão para as dimensões do QVPM pai, em função da estrutura familiar

	<i>M</i>	<i>D.P.</i>	<i>p</i>
IEI			ns
<i>F. intactas</i>	3,03	0,86	
<i>F. divorciadas</i>	2,98	1,05	
QLE			< 0,001
<i>F. intactas</i>	5,07	0,81	
<i>F. divorciadas</i>	4,03	1,49	
ASD			< 0,001
<i>F. intactas</i>	3,95	0,89	
<i>F. divorciadas</i>	3,17	1,20	

Nota: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI), Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação e Dependência (ASD), Não Significativo (ns).

Relativamente ao conflito interparental, verifica-se um efeito multivariado significativo [$F(3, 302) = 7,035, p < 0,001$] somente na dimensão *Propriedades do Conflito* [$F(1, 306) = 19,636, p < 0,001$]. Deste modo, os

jovens de famílias divorciadas percebem mais conflitos interparentais do que os jovens de famílias intactas (ver Quadro 6).

Quadro 6. Médias e desvios padrão para as dimensões do CPIC em função da estrutura familiar

	<i>M</i>	<i>D.P.</i>	<i>p</i>
PROP-CONF			< 0,001
<i>F. intactas</i>	2,66	0,82	
<i>F. divorciadas</i>	3,29	1,13	
AMEAÇA			ns
<i>F. intactas</i>	3,21	0,80	
<i>F. divorciadas</i>	3,39	0,99	
CULPA			ns
<i>F. intactas</i>	2,37	0,79	
<i>F. divorciadas</i>	2,50	0,75	

Nota: Propriedades do Conflito (PRO-CONF), Não Significativo (ns).

Procedeu-se igualmente a uma análise de variância bifactorial, de modo a avaliar os efeitos da interação entre a estrutura familiar e o género, nas dimensões da vinculação e nas dimensões do conflito interparental. Não foi encontrada uma interação significativa, quer na vinculação ao pai [$F(3, 303) = 0,818, p = 0,485$], quer na vinculação à mãe [$F(3, 304) = 0,253, p = 0,859$], quer no conflito interparental [$F(3, 300) = 0,879, p = 0,452$].

3.3. Análises Diferenciais em Função do Nível de Conflito Interparental

Neste ponto procuramos avaliar, através de análises de variância multivariada, o efeito do nível do conflito interparental e da estrutura familiar relativamente à qualidade da vinculação ao pai e à mãe. Para tal, categorizámos o conflito entre os pais em dois níveis (alto e baixo conflito; categorização realizada através do ponto médio da amostra total da dimensão *Propriedades do Conflito* do CPIC [$M = 2,76$]) para cada uma das estruturas familiares, resultando 4 agrupamentos: (1) baixo conflito interparental nas famílias intactas ($n = 157$); (2) alto conflito interparental nas famílias intactas ($n = 106$); (3) baixo conflito interparental nas famílias divorciadas ($n = 19$); e (4) alto conflito interparental nas famílias divorciadas ($n = 28$).

No tocante à vinculação à figura paterna, observou-se um efeito significativo [$F(9, 903) = 9,887, p < 0,001$] em todas as dimensões da vinculação, isto é, na *Inibição da Exploração e Individualidade* [$F(3, 305) = 8,798, p < 0,001$], na *Qualidade do Laço Emocional* [$F(3, 305) = 25,076, p < 0,001$] e na *Ansiedade de Separação e Dependência* [$F(3, 305) = 11,837, p < 0,001$]. Na vinculação à mãe verificou-se igualmente um efeito significativo [$F(9, 906) = 5,586, p < 0,001$], mas agora apenas nas dimensões *Inibição da Exploração e Individualidade* [$F(3, 306) = 10,248, p < 0,001$] e na *Qualidade do Laço Emocional* [$F(3, 306) = 12,114, p < 0,001$] (ver Quadro 7).

Quadro 7: Médias e desvio-padrão para as dimensões do QVPM em função do conflito interparental e da estrutura familiar

	F. intactas com baixo conflito interp.		F. intactas com alto conflito interp.		F. divorciadas com baixo conflito interp.		F. divorciadas com alto conflito interp.		<i>post-hoc</i>
	<i>M DP</i>		<i>M DP</i>		<i>M DP</i>		<i>M DP</i>		
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
QVPM									
IEI pai	2,81	0,77	3,35	0,89	2,78	1,07	3,17	1,05	2 > 1
QLE pai	5,30	0,65	4,73	0,90	4,45	1,29	3,86	1,56	1 > 2; 1 > 3; 1 > 4; 2 > 4
ASD pai	4,06	0,82	3,79	0,97	3,67	1,04	2,92	1,24	1 > 4; 2 > 4
IEI mãe	2,92	0,80	3,50	0,95	3,05	0,86	3,42	0,86	2 > 1
QLE mãe	5,43	0,52	5,05	0,66	5,49	0,67	4,95	0,70	1 > 2; 1 > 4; 3 > 2; 3 > 4
ASD mãe	4,16	0,80	4,03	0,89	4,52	0,97	3,97	1,03	

Nota: Inibição da Exploração e Individualidade (IEI), Qualidade do Laço Emocional (QLE), Ansiedade de Separação e Dependência (ASD).

Testes *post-hoc* (recorrendo ao teste de *Scheffé*) indicam que os adolescentes de famílias intactas com elevados conflitos interparentais apresentam uma maior *inibição da exploração* e uma menor *qualidade do laço emocional* relativamente a ambas as figuras parentais comparativamente com os adolescentes da mesma estrutura familiar mas com baixo conflito interparental. Observa-se ainda que, entre os adolescentes com baixo conflito interparental, os que residem em famílias intactas revelam uma maior *qualidade do laço emocional* face ao pai do que os sujeitos que residem em famílias divorciadas. Comparativamente com os jovens de famílias divorciadas com elevado conflito, os de famílias intactas com baixo conflito apresentam uma maior *qualidade do laço emocional* relativamente ao pai e à mãe e uma maior *ansiedade de separação* somente face ao pai. Acres-

cente-se ainda que os sujeitos de famílias intactas com elevados conflitos revelam uma maior *qualidade do laço emocional* e *ansiedade de separação* em relação ao pai do que os adolescentes de famílias divorciadas com elevado conflito interparental. Um dos resultados particularmente interessantes que se observaram foi que os jovens de famílias divorciadas com baixo conflito interparental apresentam uma maior *qualidade do laço emocional* face à mãe quando comparados com os jovens de famílias com elevado conflito, quer sejam provenientes de famílias intactas ou divorciadas.

Descentrando-nos da análise dimensional e entrando no estudo dos padrões de vinculação às figuras parentais, realizou-se, para o efeito, uma análise de *clusters* (*K-Means* e *Simple Euclidian Distance*), de modo a verificar em que medida os padrões de resultados que definem os diferentes *clusters* são consistentes com o modelo bi-dimensional de avaliação da vinculação de Bartholomew (Bartholomew & Horowitz, 1991). Foi possível observar que os valores obtidos das várias dimensões avaliadas se organizam de forma a evidenciarem os quatro protótipos de vinculação conceptualizados pelos autores (*seguro*, *preocupado*, *amedrontado* e *desinvestido*) (ver Gráficos 1 e 2).

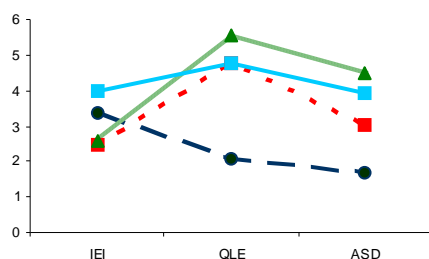


Gráfico 1 – Clusters do QVPM pai

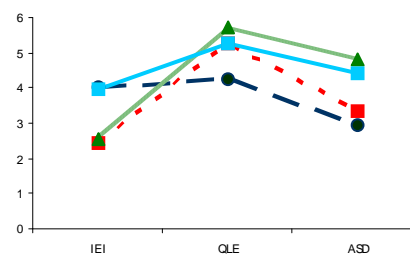


Gráfico 2 – Clusters do QVPM mãe

--- CLUSTER 1 Preocupado - - - CLUSTER 2 Desinvestido - - - CLUSTER 3 Seguro - - - CLUSTER 4 Amedrontado

Analisando a distribuição dos padrões de vinculação em função do conflito interparental e da estrutura familiar, foi possível observar a existência de diferenças estatisticamente significativas, quer para a figura paterna [$\chi^2(9) = 69,865$, $p < 0,001$] quer para a figura materna [$\chi^2(9) = 35,634$, $p < 0,001$] (ver Quadro 8). Dos vários resultados obtidos saliente-se o facto de os jovens que reportam baixo conflito interparental serem os que apresentam percentagens mais elevadas de vinculações *seguras* ao pai e à mãe, independentemente da estrutura familiar subjacente. No caso da vinculação ao pai, essa percentagem é mais elevada nas famílias intactas, enquanto que,

na vinculação à mãe, é mais elevada nas famílias divorciadas. Ao invés, nos jovens que reportam um maior número de conflitos interparentais, o padrão de vinculação mais frequente é o *amedrontado*, com excepção da vinculação à figura paterna, em que o padrão de vinculação *desinvestido* surge como o mais elevado em termos percentuais nas famílias divorciadas.

Quadro 8: Distribuição dos estilos de vinculação aos pais em função do conflito interparental e da estrutura familiar

	(%) Percentagem dos estilos de vinculação			
	Seguro	Preocupado	Desinvestido	Amedrontado
Vinculação ao Pai				
F. intactas com baixo conflito	58,0	19,1	1,3	21,7
F. intactas com alto conflito	34,0	16,0	6,6	43,4
F. divorciadas com baixo conflito	43,8	25,0	18,8	12,5
F. divorciadas com alto conflito	7,7	29,9	34,6	30,8
Vinculação à Mãe				
F. intactas com baixo conflito	38,2	29,9	6,4	25,5
F. intactas com alto conflito	22,6	13,2	22,6	41,5
F. divorciadas com baixo conflito	41,2	29,4	5,9	23,5
F. divorciadas com alto conflito	19,2	19,2	23,1	38,5

Subsequentemente procurou-se averiguar se os padrões de vinculação a ambas as figuras parentais diferem em função da frequência do contacto com o pai não residente, no caso dos jovens de famílias divorciadas. Assim, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas [$\chi^2(12) = 24,178$, $p < 0,05$] entre os padrões de vinculação à figura paterna e a frequência do contacto com o pai que não vive em casa, mas não em relação aos padrões de vinculação à figura materna [$\chi^2(12) = 9,921$, $p = 0,623$]. De um modo geral, os padrões de vinculação ao pai nos jovens provenientes de famílias divorciadas mais frequentes são o *preocupado* e o *desinvestido* com 28,3% cada, sendo o padrão de vinculação *seguro* o menos frequente com apenas 19,6% dos jovens. No caso do padrão *seguro* face à figura paterna, 77,8% dos jovens contacta com o pai não residente uma ou mais vezes por semana, enquanto que, no padrão *preocupado* a percentagem baixa para 69,2%. No caso do padrão *desinvestido* relativamente ao pai,

76,9% dos jovens nunca mais ou raramente contactou com a figura parental que não vive em casa. Por fim, e relativamente ao padrão *amedrontado*, verifica-se uma distribuição aproximada nas diferentes frequências de contacto.

4. Discussão

Este estudo teve como objectivo avaliar as implicações da estrutura familiar e do conflito interparental na qualidade da vinculação dos jovens a cada uma das figuras parentais, analisando-se igualmente as variações de acordo com o género. Outra das particularidades deste estudo prende-se com o facto de terem sido efectuadas análises comparativas entre os jovens provenientes de famílias intactas e de famílias divorciadas, relativamente à vinculação aos pais e ao conflito interparental, uma vez que, em Portugal, escasseiam as investigações que utilizam estes dois grupos de participantes aquando do estudo das relações familiares, apesar de ser, cada vez mais, uma temática socialmente relevante na actualidade.

Assim, os resultados relativos às diferenças de género indicam que as raparigas apresentam uma maior ansiedade de separação face a ambas as figuras parentais, o que pode ser indicativo de uma maior dependência das suas relações com os pais, e uma maior necessidade de proximidade física e emocional dos progenitores. Alguns autores têm descrito as raparigas como sendo mais dependentes e emocionalmente mais próximas dos pais, comparativamente com os rapazes (Kenny & Donaldson, 1991; Matos *et al.*, 1999).

Verificou-se ainda que as raparigas percebem mais conflitos entre os pais e sentem-se mais ameaçadas por esse conflito. Este resultado leva-nos a pensar que, na medida em que as raparigas tendem a investir mais nos relacionamentos interpessoais e se encontram emocionalmente mais próximas dos pais, poderão ser mais sensíveis perante acontecimentos de vida negativos que afectam as pessoas da sua rede de suporte, nomeadamente o conflito interparental. De acordo com Buchanan, Maccoby e Dornbusch (1992), as jovens raparigas encontram-se mais sensíveis a tais conflitos e encontram-se mais expostas ao estabelecimento de alianças hostis com um dos pais, após a separação parental. No entanto, foi ainda possível observar que os rapazes e as raparigas não diferem entre si quanto à qualidade do relacionamento de vinculação estabelecido com os pais e quanto à percepção do conflito interparental, quando se analisa em função da estrutura familiar.

Por outro lado, observou-se que os jovens de famílias divorciadas denotam uma menor qualidade do laço emocional e ansiedade de separação somente perante a figura paterna, para além de perceberem mais con-

flito entre a díade parental no período anterior à separação, comparativamente com os jovens de famílias intactas. Estes resultados parecem sugerir que o relacionamento com a figura paterna é o mais afectado com o processo de divórcio parental, o que vai ao encontro de um número considerável de estudos que referem que o relacionamento das crianças ou jovens com a figura paterna, no caso das famílias divorciadas, poderá sofrer alterações substanciais, na medida em que o contacto tem tendência a tornar-se menos frequente (Amato & Booth, 1996; Cooney, 1994; Dunlop *et al.*, 2001; Emery, 1988; Henry & Holmes, 1998; Hetherington, Cox & Cox, 1978; Ozen, 2003; Paterson *et al.*, 1994; Sobolewski & Amato, 2007). Acrescenta-se que o conflito interparental é um dos factores que contribui decisivamente para a separação parental e está habitualmente presente no período prévio à separação, logo, é provável que os filhos de famílias divorciadas reportem uma maior frequência e intensidade de situações conflituosas entre os pais (Hanson, 1999).

No entanto, as análises resultantes do cruzamento entre a estrutura familiar e o nível de conflito interparental possibilitaram um conjunto de resultados bastante interessante e que ajudou a aprofundar a relação entre o divórcio, o conflito e a vinculação aos pais. Na generalidade, estes resultados apontam para o facto de os adolescentes provenientes de famílias com elevado conflito interparental apresentarem valores inferiores na qualidade da vinculação a ambos pais, independentemente da estrutura familiar. Relativamente aos padrões de vinculação, verifica-se que, nas famílias pautadas por baixos conflitos entre os pais, o padrão mais frequente é o *seguro*, curiosamente, perante a figura materna, essa percentagem é mais elevada nas famílias divorciadas, provavelmente porque esta se pode ter tornado mais protectora relativamente aos filhos, após a saída do pai de casa e, por outro lado, o relacionamento da criança com a mãe poderá ter-se tornado mais próximo afectivamente. No caso das famílias com elevado conflito interparental, o padrão mais frequente é o *amedrontado*, muito embora, no caso das famílias divorciadas e relativamente à figura paterna, o padrão *desinvestido* surja como o mais elevado. O desinvestimento destes jovens perante o pai poderá estar relacionado com o reduzido contacto que estabelecem com essa figura após a dissolução e pelo facto de o adolescente desenvolver mecanismos de protecção pessoal relativamente à impossibilidade de manter uma relação de proximidade emocional com uma figura inacessível e insensível às suas necessidades individuais, podendo revelar-se uma estratégia adaptativa face às circunstâncias do relacionamento com um pai ausente. Recorde-se que 76,9% dos jovens desinvestidos na relação com a figura paterna em famílias divorciadas nunca mais ou raramente contactou com essa figura após a separação dos pais.

Estes resultados parecem ser reveladores da importância do conflito interparental nas relações de vinculação aos pais e nas relações familiares, o que vai ao encontro da grande maioria das investigações neste domínio, que refere que o conflito interparental é uma variável mais importante que o divórcio, para explicar as diferenças na qualidade das relações entre os filhos e os pais e na adaptação psicossocial dos sujeitos (Amato & Keith, 1991; Buchanan & Heiges, 2001; Cummings & Davies, 1994; Cummings, Schermerhorn, Davies, Goeke-Morey & Cummings, 2006; Emery, 1982, 1988; Forehand *et al.*, 1994; Grych *et al.*, 2004; Woodward *et al.*, 2000; Zill *et al.*, 1993).

5. Conclusões

Uma das particularidades deste estudo foi procurar estudar as associações existentes entre a qualidade da vinculação a ambos os pais, o género e o conflito interparental, utilizando, para o efeito, jovens provenientes de duas estruturas familiares distintas (famílias intactas e divorciadas).

De uma forma geral, os resultados obtidos parecem sugerir que as raparigas necessitam de uma maior proximidade emocional e encontram-se mais dependentes do relacionamento com os pais, para além de serem mais sensíveis ao conflito entre eles. O relacionamento dos jovens com a figura paterna parece ser o mais afectado pelo processo de divórcio, muito embora o conflito interparental surja como um factor central que interfere na qualidade do relacionamento estabelecido entre pais e filhos. Assim, o conflito interparental parece afectar de sobremaneira as dinâmicas relacionais entre a díade parental, influenciando as interacções familiares no seu todo e o relacionamento entre pais e filhos, em particular. Este conflito entre os pais poderá, por um lado, potencializar as divergências entre eles e conduzir à sua separação, ou, por outro, perpetuar-se ao longo do ciclo de vida da família, levando a uma disfuncionalidade familiar, e em ambos os casos influenciará a qualidade da vinculação dos filhos às figuras parentais.

A intervenção psicológica para apoiar o sistema familiar a lidar com o divórcio, acontecimento de vida que implica importantes transições para cada um dos seus elementos – pais e filhos –, deverá, assim, prestar uma particular atenção aos significados construídos em torno da ruptura e do conflito muitas vezes a ela associado, promovendo interacções entre pais e filhos que permitam manter a qualidade do laço emocional face às descontinuidades que marcam este período.

Refira-se, no entanto, como limitação deste estudo, que o número de adolescentes de famílias divorciadas é reduzido, facto que se deveu à dificuldade em encontrar participantes adolescentes com estas características. Por outro lado, solicitou-se aos jovens (de famílias intactas e divorciadas)

que se reportassem a momentos temporais distintos, no caso do questionário de percepção do conflito interpaparental. Esta opção, sendo habitual na utilização deste instrumento, não deixa de colocar alguns constrangimentos na análise dos dados. Finalmente, seria útil a utilização de metodologias de natureza longitudinal, no sentido de avaliar se a qualidade da vinculação dos adolescentes aos pais se mantém, ou se sofre transformações no decurso do seu desenvolvimento ou perante circunstâncias de vida específicas.

Referências

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716.
- Ainsworth, M. (1991). Attachments and other affectional bonds across the life cycle. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 33-51). London: Routledge.
- Ainsworth, M., Blehar, M., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychobiological study of the strange situation*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates Publishers.
- Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 319-335). New York: The Guilford Press.
- Allison, P. D., & Furstenberg, F. F. (1989). How marital dissolution affects children: Variations by age and sex. *Developmental Psychology*, *25*, 540-549.
- Amato, P. R. (1986). Marital conflict, the parent-child relationship and the self-esteem. *Family Relations*, *35*, 403-410.
- Amato, P. R. (2000). The consequences of divorce for adults and children. *Journal of Marriage and the Family*, *62*, 1269-1287.
- Amato, P. R. (2001). Children of divorce in the 1990s: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, *15*, 355-370.
- Amato, P. R., & Booth, A. (1996). A prospective study of divorce and parent-child relationships. *Journal of Marriage and the Family*, *58*, 356-365.
- Amato, P. R., & Cheadle, J. (2005). The long reach of divorce: Divorce and child well-being across three generations. *Journal of Marriage and Family*, *67*, 191-206.
- Amato, P. R., & Keith, B. (1991). Consequences of parental divorce for adult well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, *53*, 43-58.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, *61*, 226-244.
- Berman, W. H., Marcus, L., & Berman, E. R. (1994). Attachment in marital relations. In M. B. Sperling & W. H. Berman (Eds.), *Attachment in adults: Clinical and developmental perspectives* (pp. 204-231). New York: The Guilford Press.

- Bickham, N. L., & Fiese, B. H. (1997). Extension of the Children's Perception of Interparental Conflict Scale for use with late adolescents. *Journal of Family Psychology, 11*, 246-250.
- Bowlby, J. (1969/91). *Attachment and loss*. vol. 1: *Attachment*. London: The Hogarth Press.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss*. vol. 2: *Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss*. vol. 3: *Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bretherton, I. (1985). Attachment theory: Retrospect and prospect. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial N.º 209), 3-35.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (1999). Internal working models in attachment relationships: A construct revisited. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 89-111). New York: The Guilford Press.
- Buchanan, C. M. (2000). The impact of divorce on adjustment during adolescence. In R. D. Taylor & M. Weng (Eds.), *Resilience across contexts: Family, work, culture, and community* (pp. 179-216). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Buchanan, C. M., & Heiges, K. L. (2001). When conflict continues after the marriage ends: Effects of postdivorce conflict on children. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory research and applications* (pp. 337-362). Cambridge: Cambridge University Press.
- Buchanan, C. M., Maccoby, E. E., & Dornbusch, S. M. (1992). Adolescents and their families after divorce: Three residential arrangements compared. *Journal of Research on Adolescence, 2*, 261-291.
- Buchanan, C. M., & Waizenhofer, R. (2001). The impact of interparental conflict on adolescent children: Considerations of family systems and family structure. In A. Booth, A. C. Crouter & M. Clements (Eds.), *Couples in conflict* (pp. 149-160). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Chase-Lansdale, P. L., Cherlin, A. J., & Kiernan, K. E. (1995). The long-term effects of parental divorce on the mental health of young adults: A developmental perspective. *Child Development, 66*, 1614-1634.
- Clarke-Stewart, K. A., Vandell, D. L., McCartney, K., Owen, M. T., & Booth, C. (2000). Effects of parental separation and divorce on very young children. *Journal of Family Psychology, 14*, 304-326.
- Colin, V. (1996). *Human attachment*. New York: McGraw-Hill.
- Cooney, T. M. (1994). Young adults' relations with parents: The influence of recent parental divorce. *Journal of Marriage and the Family, 56*, 45-56.
- Costa, M. E. (1994). *Divórcio, monoparentalidade e recasamento: Intervenção psicológica em transições familiares*. Porto: Edições Asa.
- Cummings, E. M., & Davies, P. (1994). *Children and marital conflict: The impact of family dispute and resolution*. New York: The Guilford Press.

- Cummings, E. M., & Davies, P. (2002). Effects of marital conflict on children: Recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *43*, 31-63.
- Cummings, E. M., Schermerhorn, A. C., Davies, P. T., Goeke-Morey, M. C., & Cummings, J. S. (2006). Interparental discord and child adjustment: Prospective investigations of emotional security as an explanatory mechanism. *Child Development*, *77*, 132-152.
- Davies, P., & Lindsay, L. L. (2001). Does gender moderate the effects of marital conflict on children?. In J. H. Grych & F. D. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory research and applications* (pp. 64-97). Cambridge: Cambridge University Press.
- Dadds, M. R., Atkinson, E., Turner, C., Blums, G. J., & Lendich, B. (1999). Family conflict and child adjustment: Evidence for a cognitive-contextual model of intergenerational transmission. *Journal of Family Psychology*, *13*, 194-208.
- Dunlop, R., Burns, A., & Bermingham, S. (2001). Parent-child relations and adolescent self-image following divorce: A 10 year study. *Journal of Youth and Adolescence*, *30*, 117-134.
- Emery, R. E. (1982). Interparental conflict and the children of discord and divorce. *Psychological Bulletin*, *92*, 310-330.
- Emery, R. E. (1988). *Marriage, divorce and children's adjustment*. California: Sage Publications.
- Forehand, R., Neighbors, B., Devile, D., & Armistead, L. (1994). Interparental conflict and parental divorce: The individual, relative and interactive effects on adolescents across four years. *Family Relations*, *43*, 387-393.
- Grych, J. H., & Cardoza-Fernandes, S. (2001). Understanding the impact of interparental conflict on children: The role of social cognitive processes. In J. Grych & F. Fincham (Eds.), *Interparental conflict and child development: Theory, research, and application* (pp. 157-187). New York: Cambridge University Press.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin*, *108*, 267-290.
- Grych, J., Fincham, F. D., Jouriles, E. N., & McDonald, R. (2000). Interparental conflict and child adjustment: Testing the mediational role of appraisals in the cognitive-contextual framework. *Child Development*, *71*, 1648-1661.
- Grych, J. H., Harold, G. T., & Miles, C. J. (2003). A prospective investigation of appraisals as mediators of the link between interparental conflict and child adjustment. *Child Development*, *74*, 1176-1193.
- Grych, J. H., Raynor, S. R., & Fosco, G. M. (2004). Family processes that shape the impact of interparental conflict on adolescents. *Development and Psychopathology*, *16*, 649-665.
- Grych, J. H., Seid, M., & Fincham, F. D. (1992). Assessing marital conflict for the child's perspective: The children's perception of interparental conflict scale. *Child Development*, *63*, 558-572.
- Hanson, T. L. (1999). Does parental conflict explain why divorce is negatively associated with child welfare?. *Social Forces*, *77*, 1283-1315.

- Henry, K., & Holmes, J. G. (1998). The intimate relationships of individuals from divorced and conflict-ridden families. In J. A. Simpson & S. Rhodes (Eds.), *Attachment theory and close relations* (pp. 280-316). New York: the Guilford Press.
- Hetherington, E. M. (1981). Children and divorce. In R. W. Henderson (Ed.), *Parent-child interaction: Theory, research, and prospects* (pp. 33-58). New York: Academic Press.
- Hetherington, E. M., Cox, M., & Cox, R. (1978). The aftermath of divorce. In J. H. Stevens & M. Mathews (Eds.), *Mother/child, father/child relationships* (pp. 149-176). Washington: The National Association for the Education of Young Children.
- Hetherington, E. M., Cox, M., & Cox, R. (1982). Effects of divorce on parents and children. In M. Lamb (Ed.), *Nontraditional families* (pp. 233-288). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Hetherington, E. M., & Kelly, J. (2002). *For better or for worse: Divorce reconsidered*. New York: W.W. Norton & Company.
- Hoelter, J. W. (1983). The analysis of covariance structures: Goodness of fit indices. *Sociological Methods and Research, 11*, 325-344.
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criterion for fit indexes in covariance structure analysis: Conventional criteria *versus* new alternatives. *Structural Equation Modeling, 6*, 1-55.
- Jöreskog, K. G., & Sörbom, D. G. (1989). *LISREL 7 user's reference guide*. Chicago: Scientific Software.
- Kenny, M. E., & Donaldson, G. A. (1991). Contributions of parental attachment and family structure to the social and psychological functioning of first-year college students. *Journal of Counseling Psychology, 38*, 479-486.
- Kerig, P. K. (1998). Gender and appraisals as mediators of adjustment in children exposed to interparental violence. *Journal of Family Violence, 13*, 345-363.
- Kline, G. H., Wood, L. F., & Moore, S. (2003). Validation of modified family and interparental conflict scales for use with young adults from divorced and non-divorced families. *Journal of Divorce & Remarriage, 39*, 125-142.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points in attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50* (1-2, Serial N.º 209), 66-104.
- Matos, P. M., Barbosa, S., Almeida, H. M., & Costa, M. E. (1999). Parental attachment and identity in Portuguese late adolescents. *Journal of Adolescence, 22*, 805-818.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (1996). Vinculação e processos desenvolvimentais nos jovens e adultos. *Cadernos de Consulta Psicológica, 12*, 45-54.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2004). *Assessing attachment representations in adolescence: The Father-Mother Attachment Questionnaire*. Poster apresen-

tado na IX Conference of the European Association of Research on Adolescence. Porto, Portugal.

- McDonald, R., & Grych, J. (2006). Young children's appraisals of interparental conflict: Measurement and links with adjustment problems. *Journal of Family Psychology, 20*, 88-99.
- Narciso, I. (no prelo). Compreensão sistémica do divórcio. In A. Marques Pinto & A. Lopes da Silva (Coords.), *Stress e bem-estar* (vol. II). Lisboa: Climepsi Editores.
- Owen, M. T., & Cox, M. J. (1997). Marital conflict and the development of infant-parent attachment relationships. *Journal of Family Psychology, 11*, 152-164.
- Ozen, D. S. (2003). The impact of interparental divorce on adult attachment styles and perceived parenting styles of adolescents: Study in Turkey. *Journal of Divorce & Remarriage, 40*, 129-149.
- Paterson, J. E., Field, J., & Pryor, J. (1994). Adolescents' perceptions of their attachment relationships with their mothers, fathers, and friends. *Journal of Youth and Adolescence, 23*, 579-600.
- Paterson, J. E., Pryor, J., & Field, J. (1995). Adolescent attachment to parents and friends in relation to aspects of self-esteem. *Journal of Youth and Adolescence, 24*, 365-376.
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Richardson, S., & McCabe, M. P. (2001). Parental divorce during adolescence and adjustment in early adulthood. *Adolescence, 36*, 467-489.
- Schick, A. (2002). Behavioral and emotional differences between children of divorce and children from intact families: Clinical significance and mediating processes. *Swiss Journal of Psychology, 61*, 5-14.
- Soares, I., & Campos, B. P. (1988). Vinculação e autonomia na relação do adolescente com os pais. *Cadernos de Consulta Psicológica, 4*, 57-64.
- Sobolewski, J. M., & Amato, P. R. (2007). Parent's discord and divorce, parent-child relationships and subjective well-being in early adulthood: Is feeling close to two parents always better than feeling close to one? *Social Forces, 85*, 1105-1124.
- Weiss, R. S. (1982). Attachment in adult life. In C. M. Parkes & J. Stevenson-Hinde (Eds.), *The place of attachment in human behavior* (pp. 171-184). New York: Basic Books.
- Weiss, R. S. (1991). The attachment bond in childhood and adulthood. In C. M. Parkes, J. Stevenson-Hinde & P. Marris (Eds.), *Attachment across the life cycle* (pp. 66-76). London: Routledge.
- Woodward, L., Fergusson, D. M., & Belsky, J. (2000). Timing of parental separation and attachment to parents in adolescence: Results of a prospective study from birth to age 16. *Journal of Marriage and the Family, 62*, 162-174.
- Zill, N., Morrison, D., & Coiro, M. J. (1993). Long-term effects of parental divorce on parent-child relationships, adjustment and achievement in young adulthood. *Journal of Family Psychology, 7*, 91-103.